

Economia - Brasil

Um país com a confiança abalada

Paul Krugman, que previu crise na Ásia, diz que Brasil deve manter juros altos para defender real

Maria Luiza Abbott

BRASÍLIA

O Brasil terá de manter a atual política econômica, com juros que impedem um crescimento mais acelerado, porque não tem a confiança do mercado internacional. Essa é a avaliação do economista americano Paul Krugman, guru do ministro da Fazenda, Pedro Malan, que almoçou ontem com os principais integrantes da equipe econômica. Para Krugman, a atual estratégia do Governo brasileiro deverá ser mantida enquanto os mercados financeiros não se acalmarão o que, segundo ele, não acontecerá em 1998.

— Se eu estivesse no lugar do Governo brasileiro, estaria fazendo a mesma coisa, defendendo fortemente a moeda — disse Krugman.

Um dos mais respeitados economistas da atualidade, Krugman foi o primeiro a criticar o modelo adotado pelos países do Sudeste da Ásia e chegou a prever uma crise na região. Ele explicou que o maior problema do Brasil atualmente é a credibilidade e, por isso, não é hora de pensar em crescimento, mas sim de fazer o que foi feito: aumentar juros para se defender de ataque especulativo, que poderia ocorrer por causa do nervosismo do mercado depois da crise na Ásia. Krugman observa que a desconfiança decorre do fato de o Brasil ser visto como propenso a crises, visão que não atinge países desenvolvidos.

— Não é justo. Houve tempos em que os números da Dinamarca ou da Irlanda estavam claramente numa faixa que poderia justificar um ataque especulativo, mas não. Existe essa noção dos mercados de que nações brancas não vão à falência — observou o economista.

Déficits não são o problema

Krugman discorda do diagnóstico quase unânime dos economistas do Brasil e do Governo brasileiro de que o déficit público e o déficit em conta corrente são os dois principais problemas do país atualmente. Ele insistiu que o problema é a desconfiança dos mercados que acreditam que o Brasil oferece riscos. O economista lembrou que o déficit público é alto, mas não oferece sinais de que o país estaria perto da insolvência.

— O tamanho da dívida pública brasileira é de uma ordem que deixaria Bélgica ou Itália muito felizes — disse.

O déficit em conta corrente, segundo ele, não seria um problema se as pessoas acreditassesem no país. Krugman observou que há 17 anos a Austrália tem déficit em conta corrente de 4% do Produto Interno Bruto (PIB) — semelhante aos 4,2% do PIB registrados no Brasil em 1997. Mesmo assim, aquele país vem atravessando muito bem as



Gustavo Miranda

PAUL KRUGMAN, que almoçou ontem com membros da equipe econômica: é uma injustiça, mas o mercado só acredita nas nações brancas

turbulências da crise da Ásia. Tão bem, segundo Krugman, que a preocupação do Governo australiano com os efeitos da crise se restringe aos problemas que teria com a imigração em massa de imigrantes.

— Outros países têm um déficit em conta corrente de 4% do PIB em um ano e os mercados pressionam. O caminho é aumentar juros para 40%. Não é justo, mas é assim — insistiu.

A partir desse diagnóstico, Krugman acha que os problemas centrais do Brasil hoje são crescimento e desemprego. Mas, por enquanto, o país não dispõe de meios para alterar essa situação.

O Brasil é uma economia que está crescendo, embora não tanto quanto gostaria, mas essa parece ser a combinação disponível no momento. Se fosse um país sobre o qual ninguém pensasse que poderia entrar em crise, poderia estar pensando em crescimento econômico agora — observou Krugman.

O economista, que acaba de voltar de viagem à Ásia, prevê que o mundo financeiro não voltará à normalidade este ano. Para que isso aconteça, segundo Krugman, será preciso que antes, a Coreia do Sul mostre uma sólida recuperação.

— Enquanto isso, vocês podem ter sorte de os juros caírem e eles já estão em queda, perto de onde estavam antes da crise. Mas não há nada que o Governo brasileiro possa fazer agora. Não é justo, mas nenhum Governo sensato iria arriscar agora uma mudança na política monetária de acordo com as necessidades da economia doméstica.

No longo prazo, segundo o economista, o caminho do Brasil será repetir o modelo da Austrália. Para isso, seria preciso que o país abandonasse o sistema de manter o real ancorado ao dólar e criasse um sistema de câmbio flutuante. Cauteloso, no entanto, frisou que essa alternativa não poderia ser adotada no curto prazo. Por enquanto, não recomenda uma desvalorização cambial:

— No curto prazo, o Brasil tem que ser extremamente cauteloso. Não é tempo de arriscar. Seria maluco pensar que os mercados perdoariam erros.

Segundo o economista, ele gostaria de ver o Brasil traçar o caminho da Austrália, que é um país exportador de produtos primários e manufaturados, com uma situação interna estável. Por isso, pode ter um sistema de câmbio flutuante e usar os instrumentos de política monetária de acordo com as necessidades da economia doméstica.

— No curto prazo, além de ser América do Norte ou Europa Ocidental, não penso que exista nada que o Brasil possa fazer para que os mercados tenham realmente certeza de que não existam riscos no país — insistiu.

Apesar da cautela, Krugman lembrou que os altos volumes de investimento direto são muito importantes para os mercados emergentes. Ele está no Bra-

sil a convite de consórcio de patrocinadores e fará palestras em São Paulo e no Rio. Ontem, em Brasília, falou no seminário Estudos sobre o Brasil na Competitividade Mundial, promovido pelo Ministério de Ciência e Tecnologia.

Em Londres, o ministro Pedro Malan disse que o calendário eleitoral brasileiro não mudará a atual política econômica do Governo Fernando Henrique, nem a política cambial sofrerá qualquer alteração para atender a interesses políticos. No encerramento do seminário sobre Privatizações no Setor Elétrico Brasileiro, promovido pelo jornal "Financial Times", Malan não se impressionou com a objetividade da pergunta de Sir Peter Heap. Diretor do HSBC Investment Bank e presidente da Câmara de Comércio Brasileira, Heap quis saber:

— Você tem poder para resistir às pressões políticas num ano eleitoral?

Colaborou Cássia Maria Rodrigues